

Baixas em Wall Street. Falta de confiança no sistema bancário.

Enquanto os meios financeiros de Washington estimavam que a recente crise do grande banco norte-americano Continental Illinois demonstrou a atual vulnerabilidade do sistema bancário dos Estados Unidos mas, igualmente, a vontade governamental de protegê-lo e de atuar rapidamente em caso de problema grave, uma tendência à baixa se registrava ontem na Bolsa de Nova York, onde o índice dos valores industriais foi cotado em 1.101,23 pontos, numa queda de 5,86 pontos.

Pela primeira vez desde 23 de fevereiro de 1983, o índice Dow Jones caiu abaixo dos 1.100 pontos (índice de resistência técnica), antes de superá-lo ao término da sessão. Num mercado tranqüilo, foram movimentadas cerca de 68 milhões de ações. O número de baixas superou o de altas (1.021 contra 493).

Os analistas continuam a atribuir a tendência à baixa à inquietação provocada pelas dificuldades dos grandes bancos norte-americanos — apesar dos desmentidos destes —, em razão da deterioração da situação no golfo Pérsico e da persistência da alta das taxas de juros.

O fato de o governo haver-se rapidamente manifestado ajudando o banco Continental Illinois em dificuldades indica que agiria da mesma forma em outro caso similar, segundo os especialistas.

O secretário do Tesouro, Donald Regan, apressou-se em declarar que tudo ia bem ao final da semana passada, quando correram rumores acerca de problemas do Manufacturers Hanover, o quarto banco norte-americano.

O Manufacturers Hanover realizou nestes últimos anos uma política agressiva de empréstimos aos países endividados do Terceiro Mundo, principalmente da América Latina (US\$ 6,5 bilhões, ou seja, duas vezes seu capital). Isso explica que sua saída financeira esteja diretamente ameaçada pelas dificuldades que esses países enfrentam para pagar suas dívidas.

Contudo, esse não é o único banco dos Estados Unidos em situação difícil. Por exemplo, o Citibank e o Bank of America se comprometeram muito na concessão de empréstimos à América Latina.

De acordo com os especialistas, a quebra do Continental teria tido efeitos desastrosos nos mercados financeiros dos Estados Unidos e da Europa. Ter-se-ia produzido uma séria crise de liquidez, teriam subido as taxas de juros e poderia ter ocorrido uma frenagem no crescimento econômico dos Estados Unidos. Por isso as autoridades governamentais norte-americanas intervieram sem vacilações.

Entretanto, não se podem excluir outras crises, advertem os observadores norte-americanos. E essas outras crises poderiam ameaçar muito seriamente o sistema financeiro mundial, que já está sofrendo o ônus das elevadas taxas de juros nos Estados Unidos e do pesado fardo do endividamento internacional. Segundo os observadores, se algum dos países latino-americanos mais endividados não puder pagar, outros bancos norte-americanos poderão ficar à beira da falência.